

PIU BRASILEIRO (57)

DIAMONTE
AV. BRASILIA 1931 60000 6001174

1987 1400 1400 1400

Senuta

PIU BRASILEIRO (58)

1987 1400 1400 1400

Batufinga 68

PIU BRASILEIRO (59)

JOC

JOC

PIU BRASILEIRO (60)

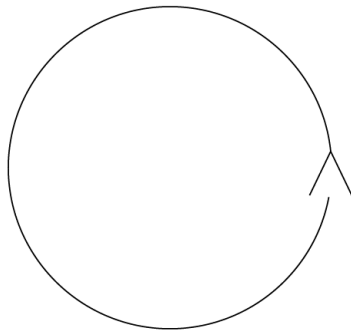
PIU BRASILEIRO (61)

Senuta

Pio Brasileiro (61)

Grupo H. Severo
S. Juca - Curitiba

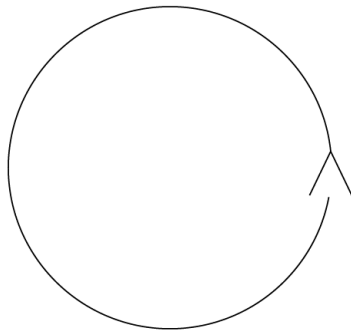
DISPOSITIVOS



Mariana Destro

DISPOSITIVOS

um exercício mnemônico de afetos domesticados



Trabalho de conclusão do curso de Graduação
em Artes Visuais da Universidade de Brasília,
requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel, sob orientação da professora
doutora Andrea Campos de Sá.

2/2017

Mariana Leopoldo Destro



Mariana Leopoldo Destro

Dispositivos

um exercício mnemônico de afetos domesticados

Trabalho de conclusão do curso de Graduação
em Artes Visuais da Universidade de Brasília,
requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel, sob orientação da professora
doutora Andrea Campos de Sá.

Brasília, 08 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Andrea Campos de Sá (orientadora)

Prof. Dr. Atila Ribeiro de Sousa Regiani

Prof.^a Ma. Marília Panitz Silveira

Capi, obrigada pela liberdade.
Pela presença. Jan, obrigada por
lembrar de mim. Por existir. Tiago,
obrigada pela troca. Por estar aqui.
Amigas e amigos que fiz durante
a vivência no IdA, amo vocês.
Tem sido maravilhoso.

A história da minha vida não existe. Ela não existe. Nunca há um centro. Nem caminho, nem linha. Há vastos lugares em que é de se crer que houvesse alguém, não é possível que não houvesse ninguém.

MARGUERITE DURAS

— Tive que fechar a porta do corredor. Tomaram a parte dos fundos.

Ela deixou cair o tricô e olhou para mim com seus graves e cansados olhos.

— Tem certeza?

Assenti.

— Então — falou pegando as agulhas — teremos que viver deste lado.

JULIO CORTÁZAR

Como eu posso cogitar ser artista
se os miasmas dessa cidade me
empurram para a força motriz da
administração pública?

Pra que servem os espaços vazios
e imensos das entrequadras se
nós batemos o ponto das nove às
seis? À parte isso, as vicissitudes
do humor.

E a cidade permanece.

A vontade não.

Talvez agora as coisas venham porque finalmente apreendo o sentido; como se elas se apresentassem sem mediação, vindas de um lugar incontrolável, para hoje, agora, serem entendidas

¹ Somos descontínuos.

num processo que envolve a razão, mas cuja natureza se conserva, de modo a continuar operando com os sentidos, com a psique, com o inconsciente

² Discurso é poder.

com o perdão do uso dos conceitos, que, por sua vez, antecedem a minha existência, sendo formalizações do entendimento abstrato do homem ocidental, cujo olhar é invariavelmente eurocêntrico

³ Eldorado (ver *Terra em Transe*, Glauber Rocha, 1967).

assim como o nosso próprio olhar parece ser inescapavelmente colonizado, porque preciso lançar mão do que foi dito por homens cuja experiência certamente difere da minha¹

⁴ Caspar Barlaeus, 1660.

e que hoje definem os meios pelos quais devemos enxergar nossas questões por uma série de arbitrariedades, contingências e acidentes que o discurso naturaliza²

como se existissem verdades imanentes – o que acho errado, mas achar errado carrega em si o entendimento judaico-cristão do mundo, que não precisa fazer parte da nossa experiência no Brasil³

uma vez que não existe pecado abaixo do Equador, como se a linha que divide os hemisférios separasse também a virtude do vício⁴, de modo que sou uma mulher lendo Bataille.

Um dia, eu já tinha bastante idade, no saguão de um lugar público, um homem se aproximou de mim. Apresentou-se e disse: “Eu a conheço desde sempre. Todo mundo diz que você era bonita quando jovem; venho lhe dizer que, por mim, eu a acho agora ainda mais bonita do que quando jovem; gostava menos do seu rosto de moça do que do rosto que você tem agora, devastado”.

Penso com frequência nessa imagem que sou a única ainda a ver e que nunca mencionei a ninguém. Ela continua lá, no mesmo silêncio, fascinante. Entre todas as imagens de mim mesma, é a que mais me agrada, nela me reconheço, com ela me encanto.

Muito cedo foi tarde demais em minha vida. Aos dezoito anos já era tarde demais. Entre os dezoito e os vinte e cinco anos, meu rosto tomou um rumo imprevisto. Aos dezoito envelheci.

MARGUERITE DURAS

Estou em um carro que parece um chevette velho, azul escuro, com Thiago Martins de Melo e outras três ou quatro pessoas, duas ou três mulheres e um homem. Percebo de modo estranhamente contundente que são pessoas pobres.

Estamos viajando para o Goiás, não sei a cidade. Estamos em uma rodovia típica dessa região quando chegamos a um trecho esburacado, uma curva, repleto de areia. Nesse momento, alguém diz “essa parte da estrada é muito perigosa, tem assalto, tem acidente”. Há uma cidade à beira do trecho perigoso da rodovia. É uma cidade decadente, devastada. O carro capota mas não nos machucamos, estamos todos bem. Saímos e vamos para essa cidade, onde há uma espécie de estalagem que também é um bar.

Hospedamo-nos na estalagem. O grupo senta na área externa da estalagem, algo como um bar com uma churrasqueira, eles permanecem lá, bebendo. Resolvo dar uma volta sozinha pela cidade. Surge alguém comigo, como se eu estivesse acompanhada desde sempre. É uma figura que entendo como uma travesti cigana. Logo depois, passo em frente a uma casa grande, bem estruturada, com a fachada reformada. Uma casa convencionalmente bonita. No entanto, o quintal da casa é um lago. Um fosso. Há várias serpentes enormes sibilando dentro do fosso, parecem basiliscos. Percebo, então, que na garagem da casa há um cercado com três cisnes negros dos olhos vermelhos. Olho para eles e eles olham para mim, morro de medo.

A travesti cigana me conduz para uma prainha que, nesse instante, parece ser próxima à casa. De repente eu e ela estamos vestidas de

branco, tenho um chicote de palha da costa trançado, com as pontas longas e soltas. Ela me instrui a bater a palha na água e, em seguida, bater nas minhas costas, alternando o lado direito e o lado esquerdo. Parece-me um ritual de purificação, um batismo, talvez. Fico bem.

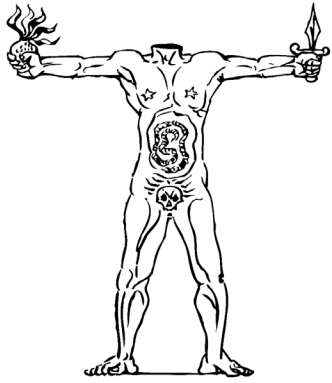
Volto para a estalagem e encontro Thiago Martins de Melo à mesa, bebendo com dois bebês que são humanos mas têm rosto e forma de boneca, olhos enormes, íris e cílios falsos. Os bebês falam coisas muito estranhas, mas não sou capaz de entendê-los.

Vou para o meu quarto, quero dormir. Meu quarto é branco – tem paredes de adobe, mas o barro foi pintado de branco. Não tem quase nada, é um ambiente modesto. Minha cama é de solteiro, é de madeira marrom e não tem muitas formas nem efeitos, a madeira não é talhada. É apenas uma cama, o único móvel do quarto. Na parede que defronta a cama tem um crucifixo de madeira.

Deito-me e sinto algo muito estranho e muito ruim, entendo que estou sendo possuída pelo diabo e começo a rezar. Não lembro bem do pai-nosso, travo na metade, me desespero mais por não conseguir rezar. Acordo do sonho sem conseguir me mexer, o corpo demora a responder os comandos da mente, mas percebo que acordei falando, rezando baixo porque minha boca não me obedecia, balbuciei a reza.

O peito é infantaria do espírito.

NEGRO LEO



Sigmund Freud (1976), em sua busca pela compreensão da neurose obsessiva, a partir da análise da semelhança entre os atos obsessivos e as práticas religiosas, postulou que a função da prática dos atos obsessivos e dos rituais religiosos parece ser corrigir algo que está fora de ordem. O funcionamento de ambos os atos se configura em função de um sentimento de culpa profundo e inconsciente.

A religião, especialmente a doutrina católica, trabalha uma ideia dicotômica do mundo, de modo que qualquer desvio das ações desencadeia uma ansiedade profunda. Tal falha na estrutura dicotômica de ação gera a angústia. No entanto, “há na neurose obsessiva e nas práticas religiosas um deslocamento que cria representações que visam sempre a restabelecer um equilíbrio original de valores” (CELENTANO, 2012).

Tal “equilíbrio original de valores” se engendra através de concessões dos instintos humanos primários em função da socialização, como descreve Freud:

Podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva como o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal. [...] A renúncia progressiva aos instintos constitucionais, cuja ativação proporcionaria o prazer primário do ego, parece ser uma das bases do desenvolvimento da civilização humana (p. 34-35).

No dia 5 de maio de 2016, quinta-feira, aproximadamente às 19:45, fui acometida por um breve satori⁵: há incutida em mim a ideia de que existe, em um universo maniqueísta, um caminho certo do qual desvio compulsivamente, como se eu fosse incapaz de me manter certa.

⁵ Hoje, mais que nunca, não devo nada a ninguém.

Parto do princípio de que preciso ser validada pelo outro para expressar minhas vontades – rejeito-me *a priori*, mas, sem entender, projeto a rejeição. O que é o sentimento de pertencimento? Cresci como um forasteiro; perco-me nas avenidas planejadas, rodopio nos arcos da 206 norte porque a cidade não acolheu ninguém que pôs os pés nesse cascalho assim como não me acolhi e estou aqui de passagem, correndo com lágrimas escorrendo pelo meu peito vermelho de sol e amarelo de dor. Um grande quarto escuro em tempos em que o tempo inexistiu; nada nas mãos, nada na cabeça e o mundo nas costas. Ou, em uma livre-interpretação nietzschiana, suspiro.

Tornei-me apática sobretudo por causa do meu ciclo pessoal, desabrochei pétalas e espinhos no enésimo círculo do inferno.



Ações que não têm utilidade são ações fundamentalmente poéticas.

FIN



Coincidência de contrários Georges Bataille (2014) fugiu ao paradigma racionalista e, por isso, foi entendido jocosamente como místico pelos seus contemporâneos. Interessa-me justamente esse movimento, a ideia de que não é necessário racionalizar a experiência (o pensamento?), porque para mim é impossível racionalizar uma série de sentimentos, tão latentes que para a experiência (o pensamento?) são tão válidos quanto qualquer silogismo, quanto qualquer abstração racional. Somos descontínuos porque nascemos e morremos sozinhos, somos um e um apenas. A descontinuidade gera um desejo atávico, constante, pelo seu fim – ou o nosso fechamento em um eu. Chegar nessa busca seria o mesmo que morrer porque se o ser humano se torna contínuo, deixa de existir. O erotismo é a aprovação da vida até na morte. “Só chegamos ao êxtase na perspectiva, mesmo que longínqua, da morte, daquilo que nos aniquila enquanto seres descontínuos” (p. 294). E, enquanto seres descontínuos, erigimos o mundo do trabalho, regido pelo primado do interdito. O interdito elimina em nós a violência natural, de modo a nos envolver na calma imprescindível para a consciência clara.

O mundo do trabalho e da razão é a base da vida humana, mas o trabalho não nos absorve inteiramente e, se a razão comanda, nossa obediência nunca é ilimitada. Por sua atividade, o homem edificou o mundo racional, mas sempre subsiste nele um fundo de violência e, por mais razoáveis que nos tornemos, uma violência pode nos dominar de novo que não é mais a violência natural, que é a violência de um ser de razão, que tentou

obedecer, mas sucumbe ao movimento que nele mesmo não pode reduzir à razão (p. 63).

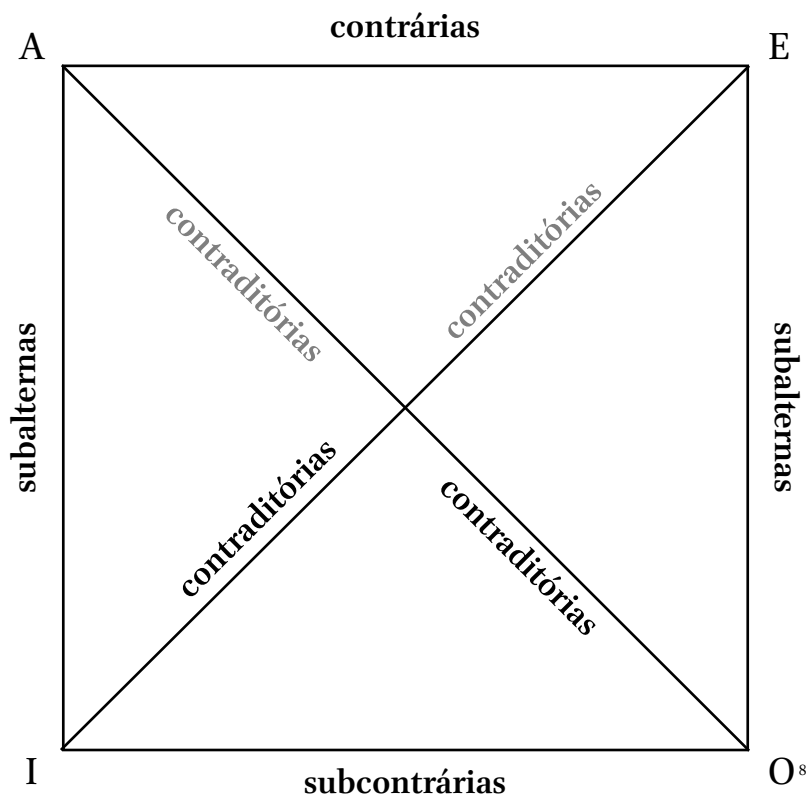
Por meio das noções de continuidade e descontinuidade, Bataille é capaz de tecer uma relação aparentemente impensável entre o frenesi sexual, o fervor religioso e a febre da paixão: os três⁶ são meios de continuidade na existência descontínua, sendo, assim, formas de erotismo. Sobre o erotismo, “trata-se de introduzir, no interior de um mundo fundado sobre a descontinuidade, toda a continuidade de que esse mundo é capaz” (p. 42).

Michel Leiris fez uma rica leitura da *História do olho*, obra autoficcional, expressão legítima de sublimação⁷ de Georges Bataille, cuja narrativa se embrenha no universo simbólico e semi-inconsciente do autor:

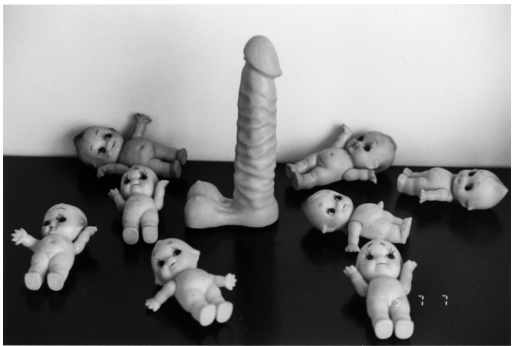
[...] na *História do olho* e no verbete “olho” do dicionário de *Documents* – no qual se acham reunidos os elementos que completam a exegese em outro plano –, termos habitualmente concebidos como opostos aparecem em conjunção: o terrível e o risível, o resplandecente e o repulsivo, o pesado e o leve, o venturoso e o nefasto. Coincidência de contrários, uma das linhas da força do pensamento de Bataille. (apud BATAILLE, 2003, p. 109)

⁶ Na tradição judaica, o três (3) tem significados poderosos. São 3 os movimentos da dialética – tese, síntese e antítese. São 3 os tempos verbais – passado, presente e futuro. São 3 os campos da psique segundo a tópica freudiana – superego, ego e id. O que é feito três vezes é definitivo.

⁷ Sublimação é um conceito freudiano que define a canalização da pulsão sexual em atividades culturais – sublimar é transformar as paixões em algo sublime.



⁸ O quadrado das oposições é um diagrama que ilustra as relações lógicas entre as quatro proposições categóricas que compõem a lógica aristotélica (A, E, I e O). A proposição A, que é a afirmação universal, nos diz que todos os S são P; a proposição E, que é a negação universal, nos diz que nenhum S é P; já a proposição I, que é a afirmação existencial, nos diz que alguns S são P; e, por fim, a proposição O, que é a negação existencial, nos diz que alguns S não são P. A lógica aristotélica é a sistematização de um vasto conjunto de leis e operações racionais sobre a qual se funda todo o pensamento lógico-racional ocidental.



Escrevendo isso em um único fôlego, como quando inspiro e exalo, inflando a barriga e retendo a postura, um fôlego que parece custar a vida, mas que flui e, sem tempo de parar, observo e percebo com o olho que

fui encontrar esse amigo no dia que tomei coragem para realizar por mim um desejo recôndito e necessário, questão de sobrevivência, e encontramos aquele pintor, bebemos no ateliê no subsolo

tentamos bolar com papel vegetal, mas eu não fumava três beques todo dia, então ele ofereceu o cachimbo

dei dentadas no cachimbo para segurá-lo com a boca e me perguntei o que estava fazendo

as marcas da mordida torta que nem sei se existiram, ou se existem,

falei timidamente que ainda são práticas da república velha, que a história é cíclica – eu não tive coragem de fazer nada porque aquilo já era o suficiente para mim e ainda encontraríamos uma amiga no bar, mas eu adoraria ir à Colina amanhã, então adicionei-o no Facebook.

Igreja de Santa Bárbara – Criciúma/SC

A Paróquia foi criada por decreto de Dom Anselmo Pietrulla, Bispo de Tubarão. Desmembrada da Paróquia São José, teve como primeiro vigário o reverendo padre Albino Destro, que tomou posse da paróquia no dia 1º de janeiro de 1961, onde permaneceu até 19 de janeiro de 1964.

Paróquia Santo Agostinho – Criciúma/SC

Párocos que prestaram seus serviços e vocação à Paróquia Santo Agostinho: Pe. Albino Destro 07/03/1965 a 20/04/1969

Paróquia Sagrada Família – Cidade Alta/SC

Mais tarde, nos anos de 1961 a 1963, ainda na antiga igreja, foi o padre Arcângelo Sprícigo que presidia a Santa Missa. Em 1964, Pe. Albino Destro projetou a nova igreja e em 1965 o padre José Corsini deu seguimento na construção. De 1966 a 1976 Padre Arcângelo então pároco da paróquia de Meleiro esteve junto com a comunidade.

Paróquia Imaculado Coração de Maria – Lauro Müller/SC

2º Pároco: Pe. Hercílio Cappeller 11/09/55 a 10/02/79

Vigários: Pe. Afonso Schlickmann Pe. Albino Destro Pe. Valdir Piazza Borges Pe. Antônio Sabino Pe. Vandelino Schlickmann Pe. Sebastião Rodrigues Pe. Armando Feltrin

Início do dia, primeira hora da manhã.



Asagi Ageha, 34 anos
modelo de kinbaku

Eu me odiava. Sentia vergonha de mim e sofria de todos os tipos de complexos. Durante o ensino médio, tinha o hábito de me machucar. Comecei a cortar os braços e a fazer coisas assim. Quando fui à universidade, meus complexos não haviam desaparecido. Fazer contato com pessoas era difícil. Eu não tinha feito sexo com ninguém. Pensei, existe uma solução para isso? E se alguém me causasse dor? Eu não me flagelaria mais. Eu me comunicaria por meio da dor. Talvez através do sadomasoquismo, pensei. Pensei que um show de sadomasoquismo seria bom. Performaria na frente de uma audiência. Não faria sexo lá, só queria que alguém me causasse dor. Foi assim que comecei meus shows sadomasoquistas. O motivo para isso mudou. Quando comecei a gostar do show, queria fazê-lo pela experiência em si. A autoaversão começou a se satisfazer. O intuito não era mais me ferir porque eu me odiava. O cerne mudou. Mas, uma vez fazendo isso, não poderia continuar vivendo sem me causar dor.

Kinbaku é o termo japonês para a prática sadomasoquista de amarrações com corda de fibras naturais. Durante a era feudal, no Japão, a corda era usada para reprimir e torturar prisioneiros de guerra e criminosos. Cada crime era punido publicamente, de forma específica.⁹ A corda era símbolo de advertência para os incautos que tencionassem cometer crimes. No começo do século XX, o kabuki incorporou as amarrações em performances teatrais. Poucas décadas depois, revistas eróticas do Japão começaram a estampar as amarrações como uma prática fetichista. A mais famosa delas, Kitan Club, é a fonte das imagens que utilizo em alguns trabalhos.

⁹ Kinbaku-bi, ou a beleza da amarração, pode ser entendido como o desdobramento erótico de hojojutsu, tradicional arte marcial japonesa de restringir prisioneiros com cordas.

No kinbaku, como é de praxe em práticas sadomasoquistas, é necessário que haja o dominador e o submisso. O dominador é o responsável por amarrar o submisso e, como tal, precisa assumir a responsabilidade pelo prazer do parceiro. Segundo os adeptos da prática, as amarrações por si só são capazes de proporcionar o subespaço, momento em que os parceiros submissos atingem um estado meditativo terapêutico.



Quando não é possível lembrar, resta-nos repetir.

Sigmund Freud entendeu que a pulsão se lança à passividade, buscando, para aliviar perturbações desprazerosas, uma descarga que cesse a atividade. Não obstante, observou a ocorrência de um comportamento inconsciente que consistia na repetição de situações desprazerosas que, muitas vezes, eram marcadas pelo desprazer profundo (RABELAIS, 2012).

Identificando as incongruências empíricas do *princípio do prazer*, Freud pôde formular que “o paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha recalcado, e o que não lhe é possível recordar pode ser exatamente a parte essencial” (1920, p. 29). Sob a pressão de uma compulsão, o aparelho psíquico engendra sonhos que se empenham em resolver as experiências traumáticas que a memória não é capaz de reavivar. Assim, surge a conformação da polaridade pulsão de vida e pulsão de morte:

A pulsão de morte tenderia para a completa redução das tensões, isto é, a levar o ser humano ao estado inorgânico. [...] Se o estado anterior à vida é o inorgânico e, se tudo o que vive morre retornando ao inanimado, conclui: “o objetivo de toda a vida é a morte” ([Freud] 1920, p. 56). Apesar desta pulsão visar à morte, o sujeito luta contra os fatos que poderiam levá-lo a atingir o seu objetivo rapidamente, já que as pulsões sexuais operam preservando a vida (RABELAIS, 2012, p. 28).

Freud redefine a forma como entende o masoquismo.¹⁰ Ao admitir que existe algum tipo de satisfação na dor contida nos fenômenos repetitivos, a dor se torna uma fonte de satisfação – surge o *masoquismo primário*.

O masoquismo existe na fusão das pulsões, sob três formas: como masoquismo moral, interdito, como masoquismo erógeno, condição imposta à excitação sexual, e como masoquismo feminino, expressão da natureza feminina no que diz respeito à posição do sujeito que se oferece como objeto de torturas infligidas pelo outro – nesse cenário, *ser copulado* é uma situação caracteristicamente feminina. O masoquismo erógeno seria o cerne dos outros dois tipos de masoquismo.

¹⁰ Freud traçou uma distinção conceitual entre *Genuss* (gozo) e *Lust* (prazer). *Genuss* seria, diferentemente de *Lust*, o prazer extremo.



Uma crítica subjetiva:

entendo as questões que são suscitadas quando nos debruçamos sobre o complexo de Édipo e as relações paradoxais que envolvem a segunda tópica (eu, isso e supereu). Acredito, inclusive, que me relaciono à problemática que embasa a relação do sujeito com o ego ao renunciar ao desejo edípico: “você deveria ser assim (como seu pai)”, mas “você não pode ser assim (como seu pai), isto é, você não pode fazer tudo que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele” (Freud, 1923, p. 47). Reconheço-me nessa estrutura. No entanto, não deixo de me perguntar, insistentemente, qual o lugar do sujeito que não o masculino nessa sistematização da psique que se pretende universal? Apareço como uma categoria de masoquismo, *copulada*, como se o sexo fosse uma via de mão única.

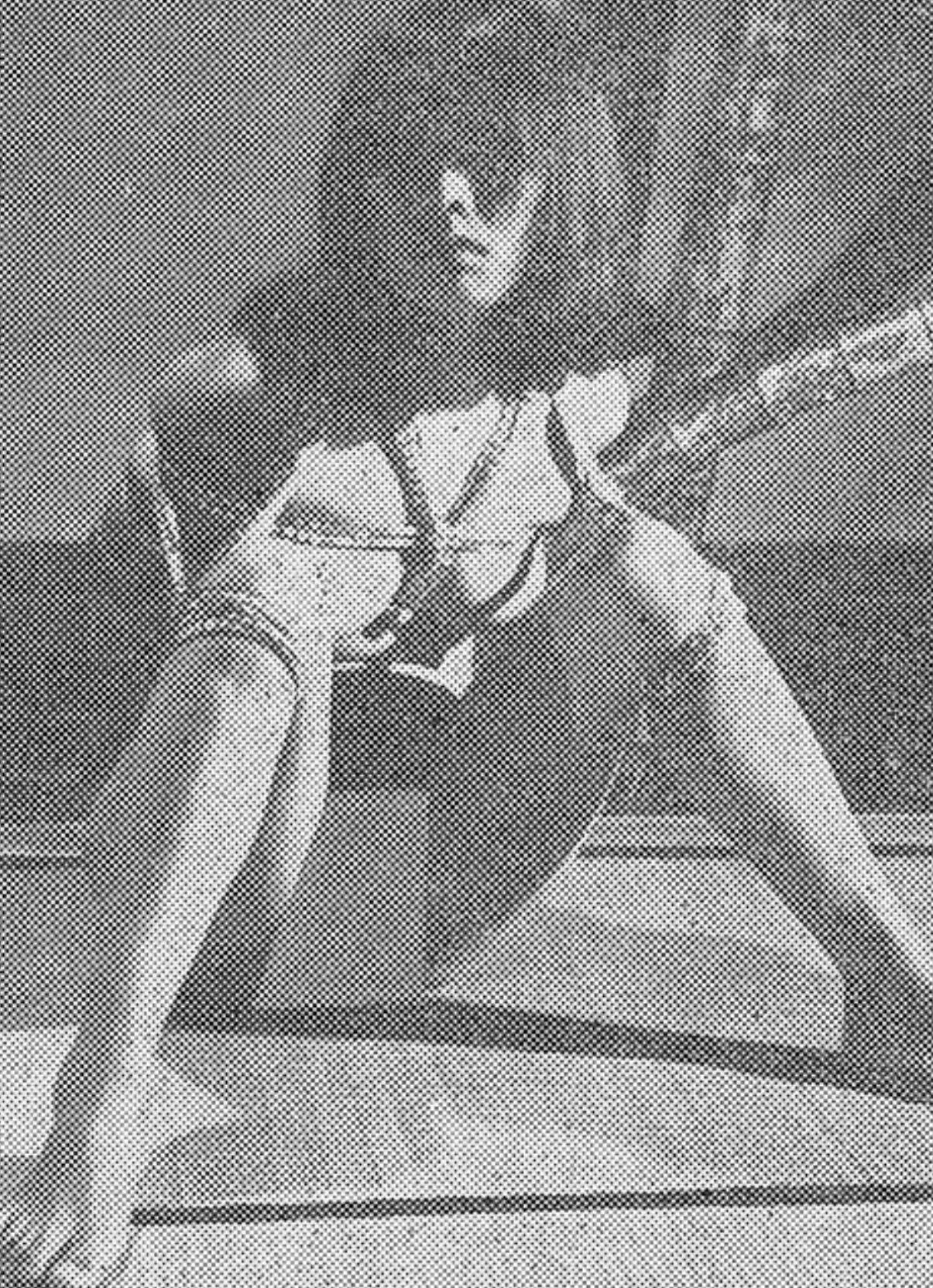
As imagens de kinbaku-bi de Nobuyoshi Araki (1940 –) são entendidas por alguns detratores como expressões pornográficas misóginas do fotógrafo. Quando indagado sobre sua relação com o kinbaku, Araki disse que “kinbaku é diferente de *bondage* (servidão). Só amarro o corpo de uma mulher porque não posso amarrar seu coração. Apenas suas partes físicas podem ser amarradas. Amarrar uma mulher se torna um abraço”.

Cordas e nós são elementos emblemáticos na cultura japonesa. Em cerimônias religiosas, são lembretes da sacralidade dos espaços e da ligação entre as pessoas e o além. Na vida cotidiana, existem em muitos utensílios e vestimentas; no comércio, as mercadorias são envolvidas no *furoshiki* (técnica de embulho) e os pacotes são adornados com *mizuhiki* (artesanato com fios coloridos de papel).

Há uma ambivalência na prática do kinbaku. Existem movimentos simultâneos, aparentemente antagônicos, que implicam repressão, agressão, violência, prazer e cuidado. São necessárias cordas de fibras naturais de seis a oito metros de comprimento, conforme as amarrações que serão feitas. As curvas do corpo da mulher dominada compõem um contraponto às formas excessivamente geométricas das amarrações.

Um pouco depois, entendi que o prazer da mulher é a única coisa que existe no kinbaku.

nada dura
nada é completo
nada é perfeito



Frequento a grande casa da família. Há ruídos que atravessam as pesadas portas de madeira dos quartos e seguem pelos corredores escuros. Ao tentar descobrir a origem dos barulhos, vasculho caixas, armários, gavetas, livros, fotos. À medida que escavo, os sons aumentam.

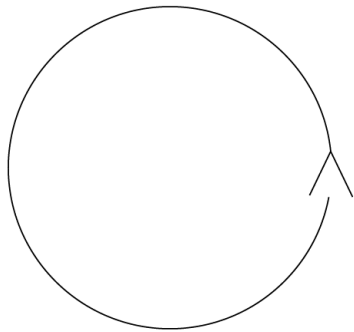
" Ver "Casa tomada", Julio Cortázar, 1951.

Costumo sonhar que estou na casa e que alguém está para vir. Invariavelmente, sinto medo. Não consigo ver, mas sei que são aparições. A frequência com que tenho esse sonho aumentou desde que tomei para mim Casa tomada¹¹.

O chão dos três pavimentos da casa é de tacos de ipê. Como todas as portas e os barrotes de seis metros que estruturam a casa. Minha avó mora lá, só. Morei na casa até os seis anos de idade, mas nunca me mudei para longe. Permaneci no mesmo bairro até os catorze anos e, hoje, moro a seis quilômetros de distância.

De todas as memórias de infância que conservo, as mais vívidas são do escritório da casa – parte dos móveis que falham em habitar os cômodos foram construídos pelo meu avô, que morreu há mais de vinte e cinco anos. São móveis escuros, imbuídos de estética católica tradicional. À medida que os anos passam, a casa me parece cada vez mais um enorme confessionário. Os outros móveis são móveis de escritório, meramente funcionais.

Apanhava e sentia a necessidade de rezar todos os dias antes de dormir. Ainda hoje minha avó pergunta se rezo todos os dias antes de dormir. Se eu disser não, ela entenderá como sim. Não podemos falar sobre muitas coisas.



Epahey Oyá

Série *Dispositivos*



noite, 2017
série *Dispositivos*
tacos de ipê e slides
dimensões variáveis



noite (detalhe), 2017
série *Dispositivos*



noite (detalhe), 2017
série Dispositivos



Sem título, 2017
série *Dispositivos*
tacos de ipê, projeção e corda de sisal
dimensões variáveis



Sem título (detalhe), 2017
série *Dispositivos*

LISTA DE IMAGENS

Fig. 1 Glauber Rocha. *Terra em Transe*. 1967.

Fig. 2 André Masson. *Acéphale*. 1936.

Fig. 3 Yoshishige Yoshida. *Eros + Massacre* (エロス + 虐殺). 1969.

Fig. 4 e 5 Alain Resnais. *Hiroshima mon amour*. 1959.

Fig. 6 Nobuyoshi Araki. Sem título (*Eros Diary*). 2015.

Fig. 7 Nobuyoshi Araki. *Viagem sentimental/Viagem de inverno* (*Sentimental Journey/Winter Journey*). 1991.

Fig. 8 Ella Weisser. Sem título. 2015.

Fig. 9 Mariana Destro. Sem título (*Camgirls Project*). 2013.

Fig. 10 Autor desconhecido. Kitan Club. 1974.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKER, Kathy. *My mother: demonology, a novel*. Nova York: Grove Press, 1993.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. 1ª edição, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. *História do olho*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. *As lágrimas de Eros*. 11ª edição, Lisboa: Sistema Solar, 2012.

BIRMAN, Joel. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. *Natureza Humana 8 (1)*, São Paulo; p. 163-180, jan-jun 2006.

_____. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. 5ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CELENTANO, Frederico. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Disponível em: <<https://metapsicologia.wordpress.com/2012/02/28/atos-obsessivos-e-praticas-religiosas/>>. Acesso em 12 nov. 2015

CORTÁZAR, Julio. *Casa tomada*. In: CORTÁZAR, Julio. *Bestiário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p 9-18.

DURAS, Marguerite. *O amante*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX.

_____. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. IX.

_____. *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX.

RABELAIS, Giselle Wendling. *A devastação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia – PUC-RIO.

SEHAYEK, Marnie. [NSFW] *A Brief History of Japanese Rope Bondage*. Disponível em: <https://creators.vice.com/en_uk/article/8qka45/kinbaku-japanese-rope-bondage>. Acesso em 26 out. 2017.

WOODWARD, Daisy. *Nobuyoshi Araki and the Art of Bondage*. Disponível em: <<http://www.anothermag.com/art-photography/2130/nobuyoshi-araki-and-the-art-of-bondage>>. Acesso em 19 nov. 2017.

